

CEIAS SAGRADAS

Ao redor da mesa para comungar o divino

**Professores de liturgia no ITESP. Este presente trabalho é fruto de um seminário com estudantes na área de teologia litúrgica, realizado no ITESP. Judaísmo: Claudiano Avelio dos Santos, Valdecir Pereira Uveda, Marilton G. Viana, Valdenir Martins Pereira e Valdionei Pereira; Hare Krishna: Jordélio Siles, Ronaldo José Santos, Maciel Louis Charles e Wilson Antonio Fiorentin; Candomblé Bantu: Reginaldo de Abreu Araújo Silva, Carlos Alberto M. Almeida, Rizomar Nogueira e Cícero Charles Vidal Santos; Budismo: Anderson Teixeira, Airton C. de Almeida, João Ademir Vilela, Sérgio Leite e Michael Louis Charles, Vagner dos Santos, Ieda de Paiva*

Antonio S. Bogaz e Norberto Broccardo*

Resumo:

Os aa. a partir de informações de diversas religiões, buscam aclarar o significado antropológico ou religioso da ceia e sua relação com a Eucaristia. Para tanto, depois de breve seleção de textos patrísticos e bíblicos, os aa. dialogam com algumas tradições religiosas — judaísmo, budismo, Hare Krishna, candomblé — no sentido de estabelecer os pontos em comum com a Ceia Eucarística e eventuais pontos peculiares a cada vertente religiosa.

Chaves:

Liturgia: Eucaristia; Ceia Sagrada: Cristianismo, Judaísmo, Hinduísmo, Hare Krishna, Candomblé banto.

1. REUNIMO-NOS...

A ceia é um elemento importante na vida humana. Reúne para o sustento do corpo, a união dos comensais e cria comunhão ao redor dos alimentos. Faz parte da vida humana, revela suas relações e manifesta suas culturas. Vai muito além: as ceias tornaram-se espaço de relação entre o ser humano e seus deuses nas práticas religiosas. A comida, que é escolhida de forma especial e tem exigências de preparação peculiares, torna-se um meio de comungar com Deus e até mesmo comungar Deus. Trata-se de um patrimônio do fenômeno religioso universal.

Assim, a ceia eucarística cristã tornou-se o modo privilegiado de comunhão com Deus, uma forma de comungar com Deus e mais estreitamente comungar o próprio Deus. Entre tantas formas de realizar a comunhão com Deus nas celebra-

ções cristãs, o pão e o vinho, como ceia sagrada, ocupam um lugar especial, pois é a forma privilegiada de entrar em comunhão com Jesus Cristo e a comunidade.

A partir da premissa pela qual compreendemos que o fenômeno religioso tem características comuns nas infinitas práticas religiosas, acreditamos que compreenderemos melhor a significação básica da ceia eucarística cristã, buscando seus elementos fundamentais nas ceias sagradas não-cristãs¹.

A ceia eucarística é a expressão mais genuína da comunhão entre Deus e seu povo, como forma de convívio com o sagrado e *sacrum-fare* da Nova Aliança.

2. UM REI FEZ UM GRANDE BANQUETE...

Qual o sentido da ceia de Jesus? Uma ceia fraterna ou um banquete sacrificial? O tema é polêmico e questiona a evolução da teologia eucarística. Desde seu nome mais antigo, que é *cena domini* em Paulo, passando por *fractio panis* em Lucas e nos Atos dos Apóstolos, descobrimos no texto da Didaqué a significação de ceia eucarística — ação de graças, louvor — desembocando na terminologia sacrificial.

Conhece-se, pelos testemunhos neotestamentários, após a morte por crucifixão de Jesus Cristo, que seus discípulos passaram a se reunir nas *igrejas domésticas*, normalmente no *dies domini*, e celebravam a ceia em memória do Senhor, como nos atesta Trajano Plínio: [...] *toda sua falta ou seu erro, se limitara a reunir-se habitualmente num dia fixo, antes do nascer do sol para cantar entre si alternativamente um hino a Cristo como si fosse deus... eles tinham o costume de se separar, para voltarem a se reunir, afim de fazer uma refeição, mas essa refeição bastante comum e inocente* [...].

O relato de Paulo (1 Cor 17), tido como dos mais antigos, mostra a ceia como partilha, ágape fraterno, mas no segundo século, como nos relata Justino, na sua primeira Apologia, o ágape fraterno é distinto da celebração eucarística: *no domingo, reúnem-se em só lugar todos os cristãos da cidade e do interior [...] depois de o leitor terminar sua função, o presidente faz uma homilia. Em seguida trazem as ofertas: pão, vinho e água. O presidente pronuncia orações e ações de graças. A seguir distribuem-se as dádivas aos presentes e depois por intermédio dos diáconos, também aos que estavam impedidos de participar na assembléia*.²

Com Irineu de Lião, a eucaristia era considerada já como um sacrifício: *Só pela mediação de Jesus Cristo a igreja é capaz de oferecer o seu sacrifício ao Deus onipotente*.³

1 Agradecemos os ministros religiosos entrevistados: Coem Murayama, monja missionária da religião budista; Sugriva-Dasa, monge-sacerdote da religião Hare Krishna; Carlos Almeida, liturgo-sacrificial da religião Candomblé Banto.

2 JUSTINO DE ROMA, *Apologia I*, n. 65.

3 IRINEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*, IV, 17.

Com Constantino, são construídos templos em nome de Jesus. O cristianismo passa a ser uma religião com altar e sacerdote para o sacrifício. Definitivamente, no IV Concílio de Latrão (1215), o papa Inocêncio III decretou que oficialmente *que o pão na ceia do Senhor é transformado pelo poder de Deus no corpo de Cristo, e o vinho no sangue de Cristo*.⁴

Surge assim a polêmica: qual o significado verdadeiro da *última ceia*? Qual a intencionalidade de Jesus, quando reuniu seus discípulos e, com eles, partiu o pão, partilhou o vinho, pronunciando as palavras narradas pelos evangelistas sinóticos e por Paulo aos Coríntios?

Para compreender o seu significado, vamos tentar fazer um retrato vivo daquele acontecimento fundante da ceia cristã, seu contexto, suas relações históricas e suas bases religiosas. Indo mais longe, analisaremos algumas ceias sagradas significativas, como a ceia judaica e as ceias sagradas no budismo, no Hare Krishna e no Candomblé Banto. Nestas práticas religiosas, participaremos de seus cultos com alimentos, observaremos sua ritualismo (gestos, símbolos, ministros, fiéis, espaços sagrados, etc.) e entrevistaremos seus ministros, para reconhecer os fundamentos teológicos destas práticas religiosas que envolvem o alimento como instrumento de relação com o sagrado.

Por fim, buscaremos codificar os elementos comuns a estas práticas religiosas, sobretudo quanto à origem, hierarquia, ritualismo, sacralidade, preparação dos alimentos, vestes especiais e condições para participar.

Com a codificação destas dimensões místicas das ceias sagradas, aproximaremos estas ceias com a ceia eucarística cristã e atingiremos uma compreensão fundamental da prática cristã, buscando conclusões sobre a verdade fundamental da *instituição de Jesus Cristo*, tal qual os apóstolos a vivenciaram e propagaram desde os primórdios da formação da comunidade primitiva.

3. NAQUELA CEIA, NAQUELA NOITE

A imagem é bem conhecida: Jesus reunido com seus discípulos. Era noite, ou cair da tarde. Conversou, salmodiou, rezou e confraternizou. No meio deste ritual, deu-se a oferta do pão e do vinho, marcado por palavras e gestos. O que se realizava, naquele momento, como fato fundante da ceia sagrada da nova comunidade dos féis a Jesus Cristo? Tratava-se de uma refeição ou sacrifício?

Aparecem evidenciados alguns acenos à celebração da última ceia como sacrifício. Assim, se este ritual é um *sacrum-facere*, no modelo veterotestamentário, então a cruz é o centro da Eucaristia.

Na origem do termo *sacrificium* temos: imolação, holocausto, oferta de frutos, produtos da terra, oferenda de animais e até de seres humanos a divindades. No caso de haver derramamento de sangue e perda de vida, dizia-se sacrifício cruento, sacrifício de sangue. O termo *cruor*, (*cruoris*) expressa o sangue derramando, em oposição a *sanguis*, (*inis*), o sangue enquanto vivo dentro das veias e artérias. Em caso contrário, sem derramamento de sangue, sem perigo de vida, dizia-se sacrifício incruento. O *sacrum-facere* revela tortura, morte violenta com finalidade de holocausto, para tornar sagrado.⁵

O sentido desvelado pelo *tornar sagrado*, pressupõe uma aliança com a divindade, que torna sagrada a ceia. Quem dela participa, compartilha de sua sacralidade.

A partir deste momento, aparecem algumas exigências para o sacrifício, desde o ritual até as modalidades da vítima. Podemos conhecer estas exigências a partir da aliança de Javé com seu povo, onde o cordeiro deve ter as condições fundamentais para a sua imolação. Tanto, que este cordeiro vai ser assimilado como o Cristo, cordeiro pascal, aproximando-o da cruz, como vítima imolada para o *perdão dos pecados*.⁶

Com as palavras de Jesus pronunciadas na última ceia: *Este é o meu corpo e o meu sangue*, há uma identificação entre o sujeito e o predicado. O pão é identificado ao corpo de Jesus, bem como o vinho se identifica com o seu sangue.⁷

Essa identificação pode ser real, mas também metafórica. O ambiente é de *ceia memorial*. Esse caráter de memorial identifica-a com a *páscoa judaica*, na qual se realiza a oferta do cordeiro. Talvez por estas aproximações rituais, houve a aproximação do ritual da ceia com o sacrifício do cordeiro. E como o cordeiro era vítima de holocausto, houve sua identificação com o evento da crucificação. Ao seguir este caminho de reflexão, perdeu-se a visão de ceia fraterna. A visão de holocausto, minimizou o aspecto relacional-fraterno, fixando-se no aspecto de oferenda sagrada.

A mudança de nomes, dados a este gesto ritual ao longo da história, manifesta que houve um processo evolutivo da compreensão deste gesto de Jesus, juntamente com os seus seguidores e seguidoras, como nos relatam os testemunhos bíblicos.

Será que as primeiras comunidades viveram o sentido original por ser a Ceia do Senhor uma reunião com maior conotação comunitária ou contemporaneamente celebramos esta

5 Cf. F. da SILVEIRA BUENO, *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. p. 361.

6 *Cordeiro de Deus (Agnus Dei)* é um título aplicado a Jesus por Jo 1,29: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*.

7 Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22, 19.20; Jo 6,51c; 1Cor 11,23-25.

ceia sagrada de forma mais identificada com a partilha do próprio ser de Jesus Cristo?

Uma primeira aproximação da compreensão da eucaristia é sua íntima conexão com a páscoa de Cristo.

É a perspectiva que encontramos tanto nos textos bíblicos como nos patrísticos e litúrgicos.

3.1. A Páscoa judaica

Embora tenha sua primeira origem nos ritos do cordeiro e do pão, correspondentes respectivamente à etapa das tribos nômades e sedentárias, centraliza-se primordialmente, no grande acontecimento do Êxodo, que é libertação, aliança, organização como povo, proteção de Deus, peregrinação à terra prometida. E assim, cada ano se celebra sacramentalmente este acontecimento salvífico, sobretudo na ceia pascal, como memorial que condensa o passado e o futuro no presente.

Tudo o que foi dito anteriormente é figura e tipo daquilo que *ia cumprir-se em Cristo*. Ele *preencheu* e cumpriu as promessas. Como cabeça da nova humanidade realizou o grande *êxodo*: em Jo 13,1, vê-se claramente que a nova páscoa é a *passagem* de Cristo ao Pai, o verdadeiro *trânsito*. Até este momento, fala-se em João, da *páscoa dos judeus*, e a partir daqui, da *páscoa de Cristo*, na qual conseguiu a definitiva libertação para todos.

A páscoa tem suma importância na vida de Cristo, tal como a representam os evangelhos. Sobretudo sua última subida a Jerusalém, muito detalhada, com a predição de sua morte e ressurreição. O NT apresenta Cristo como o verdadeiro cordeiro pascal, imolado para a salvação de todos.⁸

A hora de sua morte é, para João, a da imolação dos cordeiros pascais em Jerusalém. Por isso Paulo poderá afirmar que Cristo, nossa páscoa, foi imolado (1 Cor 5,7) e Pedro poderá fazer sua catequese pascal (1 Pd 1,13-21). Cristo entrega seu corpo, e seu sangue é o sangue da nova aliança, numa relação que os relatos estabelecem com Ex 24.⁹

3.2. Eucaristia e a páscoa do Cristo

Agora a EUCARISTIA é o SACRAMENTO DA PÁSCOA DE CRISTO. A celebração ritual da páscoa judaica é substituída pela eucaristia: *fazei isto em memória de mim*. Esta é a celebração sacramental nova, memorial do novo êxodo pascal, o de Cristo.

O acontecimento histórico, trazido à memória e, de algum modo, atualizado no memorial, é a morte de Cristo na cruz, sua entrega ao Pai, seu trânsito radical de Servo de Javé, como cordeiro

8 Cf. Jo 1,29.36; 19,36.

9 Cf. sobretudo Hb 8-9.

ro pascal que se imola, pelos pecados de todos. A nova páscoa é a morte e ressurreição de Cristo e a nova celebração sacramental desta páscoa é a eucaristia. Esta é a perspectiva que aparece no relato da Última Ceia: o binômio *pão-vinho* parece substituir, no relato de Lucas (Lc 22), o clássico *cordeiro-vinho*.

Esta é a compreensão da eucaristia pelo NT: a refeição pascal dos cristãos, memorial e sacramento do sacrifício de Cristo, que renova a aliança selada com o seu sangue, e que nos torna participantes da força salvadora de sua morte e ressurreição. Isso não depende necessariamente do que já vimos e que é problemático: *se a ceia de despedida de Jesus foi ou não estritamente pascal*. Certamente, tanto o mistério de Cristo como a eucaristia foram compreendidos pela comunidade apostólica gradualmente sob o prisma da páscoa.

3.3. Eucaristia e patrística

A COMPREENSÃO PATRÍSTICA também vai nesta linha. Assim, Eusébio de Cesaréia afirma: *Os discípulos de Moisés imolavam uma vez ao ano o cordeiro pascal, mas nós, os do NT celebramos nossa páscoa cada Domingo [...] quando realizamos os mistérios do verdadeiro Cordeiro pelo qual fomos remidos.*¹⁰ E Santo Agostinho: *De tudo isto devemos fazer contínua meditação na celebração diária da páscoa [...] o memorial da morte e ressurreição do Senhor no qual recebemos cada dia em alimento seu corpo e seu sangue; em si mesmo Cristo se imolou uma só vez: mas em sacramento imola-se a cada dia em favor do povo.* Santo Ambrósio: *Ouves a carne, ouves o sangue, mas entendes o sacramento da morte do Senhor.*¹¹

Estes e outros muitos textos dos Padres¹² relacionam espontaneamente a eucaristia com a páscoa; eles vêem nela o sacramento, o memorial da páscoa de Cristo.

Também os *textos litúrgicos*, sobretudo a oração eucarística, centralizam sua compreensão da eucaristia no memorial; nela celebramos da páscoa de Cristo. O prefácio da noite pascal o exprime densamente: *Esta noite em que Cristo, nossa páscoa, foi imolado, porque ele é o verdadeiro Cordeiro que tirou o pecado do mundo...*

4. COMER É CELEBRAR

O ato de comer, dentro das culturas mais variadas, é muito mais que um ato de simples alimentar para a manutenção e sobrevivência do corpo. Ao longo dos tempos, através do ato de comer, os povos e as várias civilizações manifestaram seu poder, sua força e seu modo de pensar. Por exemplo, na cultu-

10 Sermão da Páscoa.

11 *De fide* 4,10.

12 Cf. o que já se viu de Justino, sobretudo em seu diálogo com Trifão, c. 9,1b3, e também nos textos de Hipólito e Cipriano.

ra dos nativos do Brasil, os tupinambás, havia uma definição de escolha dos alimentos, mediante a religião, mas que definia que a agilidade do povo dependia de certos tipos de alimentos: *Maíra, o primeiro dos deuses civilizadores dos tupinambás, [...] discriminou certas normas cotidianas de comportamento, como por exemplo, a de não se comer carne de animais cujo andar fosse lento, pois só a carne de animais rápidos daria agilidade aos tupinambás.*¹³

13 Cf. Religiões Indígenas no Brasil. Em *As Grandes Religiões*. Vol. 4, p. 870.

Assim, o ato de comer acaba sempre por revelar a natureza de um povo e suas relações com o meio ambiente. Sua relação se torna ainda mais evidente, quando seu hábito alimentício passar a ter conotações religiosas. Assim, um certo povo passa a se alimentar, mais ou menos, de certas espécies. Alguns povos não assumem o gênero alimentício de seres vivos do reino animal. Assim, apelam para alimentações provenientes do reino vegetal. Por esta razão, a comida é algo essencial para a vida do homem e da mulher em todas as culturas.

5. COMER É CELEBRAR COM A DIVINDADE

A questão assume contornos mais delicados ainda, quando estas atitudes e hábitos alimentares passam a ter significação religiosa, expressando formas de relacionamento com o divino. Assim, um certo alimento assume uma dimensão sacra, tornando-se uma mediação religiosa. Deparamo-nos com as dimensões sacralizantes das ceias. As ceias sagradas, servem de encontro com a divindade, ou mesmo, assumem a característica de ruptura, inserindo aspectos dia-bólicos nas ceias. São as ceias proibidas, coercitivas e caçadoras do sagrado.

Entre os romanos, destacamos as ceias celebradas por terra, que antecederam as ceias em pequenos divãs, que agrupavam ao seu redor todos os convivas

Compreendemos, em se tratando de comida sagrada, o sagrado como a ceia — jantares, oferendas, partilhas, sacrifícios dentro dos rituais — que proporciona um contato com o mundo espiritual, com o transcendente, pois, como define Reinhold A. Ullmann: *O transcendente marca o centro em torno do qual concresem representações do sagrado nas mais diversas áreas do profano.*¹⁴

14 Cf. R. A. ULLMANN, *Antropologia: O homem e a cultura*, p. 168.

Trata-se de ceias especiais, as sagradas têm aspectos muito peculiares: relacional, pactual, memorial, ritual, antropofágica.

5.1. Dimensão relacional

A comida tem sempre algo relacional. O homem, ao suprir sua necessidade de alimentação, sai de si mesmo e entra em

diálogo com o mundo, afinal é mais prazeroso comer junto com outras pessoas do que fazer a refeição sozinho.¹⁵

15 Cf. J. L. IDÍGORAS, J. L., Comida. Em *Dicionário Teológico-para a América Latina*.

5.2. Dimensão pactual

Uma ceia sagrada se faz a partir de uma aliança. A comida pode significar uma aliança de amizade com a divindade, como por exemplo o povo hebreu, que assim caracterizamos:

- a) Abraão fez uma aliança com Deus, oferecendo um cordeiro, simbolizando um juramento na base do sangue e da vida.¹⁶
- b) *A idéia de tornar Deus participante da alimentação humana faz-se às vezes presente na Bíblia. Mas a idéia fundamental é a participação comunitária e alegre nas grandes festas religiosas.* Ou seja, os banquetes eram momentos de partilha muito forte e a aliança com Deus estava presente neles, pois *o banquete fazia parte da festa de Iahweh como um elemento indispensável.*¹⁷
- c) Os sacrifícios, feitos pelas famílias do Antigo Testamento, significavam, ao comer parte do animal sacrificado, uma renovação da amizade com Deus.¹⁸

16 Cf. H. SCHLESINGER — H. PORTO, *Dicionário e Enciclopédia das religiões*.

17 Cf. J. L. IDÍGORAS, op. cit.

18 A cozinha doméstica: carnes e peixes. Em *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*.

5.3. Dimensão memorial

A comida sagrada como memória do passado. Por exemplo, os judeus celebravam a páscoa como memorial da saída do Egito, comendo carne assada ao fogo com pães sem fermento e ervas amargas.¹⁹

19 Êxodo 12, 8. 14.

5.4. Dimensão ritual

Todas as comidas sagradas são apresentadas sob rituais. Como exemplos:

- a) O povo do Antigo Testamento seguia alguns rituais para alimentação: *A regra geral era que podia ser comida a carne de animais ruminantes e que tivessem cascos divididos, o que excluía o porco. Era permitido o consumo de peixes [...] que tivessem escamas e barbatanas [...] Outra norma mandava que se drenasse todo o sangue do animal, antes de usá-lo para comer e que se fervesse ou comessem juntos carne e leite.*²⁰
- b) Para os muçulmanos, o Corão estabelece que o sangue, a carne e qualquer alimento sobre os quais se tenha invocado o nome de outro Deus sejam rejeitados. Também os animais que não tenham sido sacrificados corretamente, isto é, não tenham sido degolados mediante

20 A cozinha doméstica: leis alimentares. Em *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*.

corte da traquéia e das carótidas e sobre os quais não se recite a fórmula *O Nome de Deus, Deus é grande* não são aptos para o consumo.²¹

21 Cf. C. VIDAL, *Enciclopedia de las religiones*: Alimentos.

5.5. Dimensão antropofágica

A ceia antropofágica se liga a rituais mágicos. *A consumação de órgãos específicos (humanos) corresponde à crença de que determinadas qualidades do indivíduo comido são assimiladas pelos que o ingerem.*²²

22 *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*: Antropofagia.

Idéia semelhante, porém, com objeto de alimentação e objetivo a ser atingido distintos, era a dos judeus, que *liderados por Moisés, saíram da escravidão do Egito. Mataram e comeram um cordeiro para significar que se alimentavam da coragem e da força de Deus para conseguirem a liberdade.*²³

23 Cf. H. SCHLESINGER e H. PORTO, *op. cit.*, p. 76.

Assim, caracterizamos as ceias sagradas, em seus aspectos concernentes a todas as religiões:

- Muitas ceias são sacrificiais. São oferecidos dons de animais — às vezes de vegetais — como acenos de gratidão à divindade. A divindade a acolhe e a comunidade a partilha ou queima — muitas vezes queimam as gorduras e outras derramam o sangue sobre o altar e sobre os fiéis — num ritual celebrativo. Exemplificando: na religião incaica, *os cultos aos deuses geralmente compreendiam oferta de alimentos, bebidas, folhas de coca, tecidos, farinha de milho, gordura de lhamas. Os alimentos eram oferecidos depois de cozidos ou reduzidos a cinzas [...] As oferendas mais solenes compreendiam o sacrifício de animais, especialmente a lhama. Havia uma relação entre a cor do animal ofertado e a divindade homenageada: lhamas brancas para o Sol, escuras para Viracocha e malhadas para o Deus do Trovão.*²⁴
- Muitas refeições tornam os alimentos, especialmente se carnis, possessão da divindade. Pelo alimento, come-se a própria divindade, tornando-se seu cúmplice e assumindo suas forças. Por exemplo, os africanos escravos e forros no Brasil colonial, recriavam expressões ímpares da memória da África, nas festas e batuques, embora dissimulados por causa da dominação escravista. Na colheita, mesmo se esta fosse fruto de um trabalho escravizador, realizavam, por exemplo, a festa do inhame novo: *Ninguém pode provar os frutos da nova colheita antes que se tenham efetuado sacrifícios. Trata-se de uma festa de dessacralização da colheita, com vistas a torná-la consumível, mas, ao mesmo tempo, de um sacrifício de ação de graças, pois essa dessacralização só pode se dar*

24 Religião dos incas. Em *As Grandes Religiões*. Vol. 3. p. 560.

pela oferenda de primícias às divindades que a protegeram e tornaram-na possível. É somente depois dos deuses terem comido os primeiros inhames novos que o comum dos mortais poderá se alimentar, por sua vez impunemente.²⁵

- Em alguns casos, a refeição é a expressão de uma aliança, na qual os convivas entram em comunhão entre si, comprometendo-se uns com os outros. Nestes casos, a divindade torna-se uma testemunha e o selo desta refeição-aliança. Exemplificando: *As cerimônias que visam reverenciar os santos gêmeos ou Ibeji do culto afro-brasileiro, na Bahia ou no Recife, reúnem os fiéis do culto, para a festividade, a um grande número de crianças — suas filhas ou aliciadas pela vizinhança — organizam com elas um candomblé-miniatura, há farta distribuição de guloseimas e um repasto especial de comidas africanas da preferência do santo, entretém-nas com jogos ou rondas infantis já ao fim da tarde, e de um modo geral concedem-lhes uma liberdade de ação que contrasta flagrantemente com a rígida pauta da conduta infantil e coletiva que caracteriza a vida nesses centros religiosos.*²⁶

Sobre as festividades dos gêmeos ou Ibeji, *a própria forma [...] foi pouco alterada, substituindo-se a coleta de gêneros no mercado pelas contribuições que cada fiel, nesse dia, traz para os gêmeos e sua distribuição, principalmente, como é no caso da Bahia, repartirem-se com pessoas da amizade da família, no dia de S. Cosme e S. Damião, quinhões pequeninos de quitutes afro-brasileiros.*²⁷

*O depoimento de um dos nossos informantes que fora estudante de Medicina na Bahia: refere ele que até pouco tempo era costume distinguirem-se a esses estudantes enviando-lhes, no dia de S. Cosme e S. Damião, pequenas porções de quitutes afro-brasileiros — a preta que fora portadora dizendo tratar-se de 'comida santa'.*²⁸

Em todos os casos, as refeições desvelam-se em caráter religioso e litúrgico, devendo ser assumidas como refeições sagradas. Assim, une-se o ato de comer ao aspecto religioso do comer em favor do povo, na presença da divindade. Comer é uma forma de celebrar, de contatar o divino que entra em nossas esferas humanas. E, ao mesmo tempo, criando um meio de entrar em seus domínios.

6. CEAR COM O SAGRADO: UMA VISÃO PLURI-RELIGIOSA

A relação entre os fiéis e a divindade revela-se de muitas maneiras: preces, sacrifícios, gestos, meditações e, de modo

25 Cf. F. A. NOVAIS, *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. p. 86.

26 Cf. R. RIBEIRO, Significado sócio-cultural das cerimônias de IBEJI. Em E. SCHADEN (Ed.), *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. p. 269.

27 Cf. R. RIBEIRO, op. cit. pp. 274-275.

28 *Ibidem*, 275.

especial, por meio de ceias sagradas. A importância de conhecer as formas rituais e suas significações teológicas em distintas religiões, servirão de parâmetro e exemplificação para reconhecer o sentido fundamental dos alimentos sagrados, dentro das celebrações comunitárias. Estas análises deverão desvelar os fundamentos humanos e religiosos da ceia eucarística cristã. Por meio de participação nas celebrações de ceias sagradas, estudos teóricos e entrevistas com os ministros dos cultos, deveremos reconhecer elementos fundamentais do *cear com fé*. A escolha de alguns cultos específicos — no judaísmo, no budismo, no grupo Hare Krishna e no candomblé banto — responde-se ao fato que estas práticas religiosas têm tipos característicos de ceias sagradas, que podem elucidar as questões fundantes da ceia eucarística cristã. Muitas outras, poderiam ser escolhidas, mas realizou-se uma seleção a partir de um estudo prévio destas igrejas e a viabilidade das pesquisas de campo.

6.1. A ceia da libertação no judaísmo

A última ceia que Jesus celebrou — que para os cristãos é a primeira — foi o *Séder*, ou seja, uma solene refeição sacrificial pascal.

Por volta de 450-400 a. C., nos tempos de Esdras, foi elaborado um ritual — cerimonial — para *normatizar* minuciosamente essa solenidade, e que ficou registrado no Talmude, e que é observado pelos judeus até hoje.

Os elementos que compõem o *Séder* são: *Cordeiro*: deve ser sacrificado no templo, todo o sangue derramado e todos os ossos devem ficar inteiros. (Ex 12,46); *Pão Ázimo*: pão sem fermento, isto para lembrar a fuga do o Egito, que não tiveram tempo para a levedura do pão; *Ervas Amargas*: embebidas em vinagre e sal, lembravam-lhes a amargura da escravidão e o sofrimento no Egito; *Harósset*: uma mistura, de cor vermelha, de maçãs e nozes picadas, canela e vinho, lembrava a argamassa usada pelos judeus na construção de palácios e pirâmides no Egito, durante a corvéia; *Vinho*: retirado de uma vasilha ou bebido de uma taça comum, expressava a unidade do povo, sua irmandade como filhos de Abraão e co-herdeiros da Promessa.

Esta ceia representa uma atualização do evento pascal da libertação do povo e a participação neste ritual revela um compromisso com o povo da aliança, engajado com a prática judaica. Os quatro cálices (Ex 6,6-7): Cálice da santificação, da redenção, da bênção e da aceitação acompanham a narrativa histórica e teológica da libertação do povo, que se atualiza na partilha do ceia pascal, especialmente o *Séder*.

6.2. Comungar a 'iluminação' no Budismo

Este sistema ético, religioso e filosófico fundado pelo príncipe hindu Sidarta Gautama (563 a. C.–483 a. C.), o Buda, por volta do século VI a.C. ensina como disciplinar e superar o sofrimento e atingir o nirvana — estado total de paz e plenitude — por meio de disciplina mental e de uma forma correta de vida.

Por volta do séc. II desenvolve-se uma nova forma de budismo denominada Mahayana — em sânscrito: Grande Veículo — em contraposição à forma mais antiga, o Hinayana — Pequeno Veículo. O Mahayana considera que, embora a aspiração final seja o nirvana, ele deve ser adiado para que o sábio, por compaixão, possa dedicar-se a ensinar os outros o caminho da salvação.

Hoje conhecemos o Budismo tibetano (VIII) que surge da fusão das tradições budista e hinduísta com o xamanismo. Seu chefe espiritual, o dalai-lama, é considerado um *bodhisattva* — em sânscrito: o ser destinado à iluminação — e o *Zen-budismo*, que se desenvolve na China (VI) e acredita que o corpo é dotado de uma sabedoria própria que deve nortear a vida cotidiana.

O ritual da ceia sagrada é realizada pelo monge, que recebe o Dharma e acontece uma vez por ano, no dia 08 de Dezembro. Esse é o dia da *Iluminação de Buda*, ou seja, eles comungam desta *Iluminação*. O alimento usado nessa ocasião é o arroz com feijão, cozidos juntos sem sal. Após as orações desse dia cada participante recebe na palma da mão um pouquinho desse arroz mole com feijão. Somente após todos receberem o alimento em sua mão é que se come, em sentido de comunhão.

Pede-se que todos comunguem e comam a comida e pratiquem Buda, quer dizer, viver nos pensamentos corretos, numa vida iluminada, palavra correta, enfim, são pensamentos que os tornam mais irmãos.

6.3. Cear para penetrar o mistério: Hare Krishna

Uma antiga tradição religiosa monoteísta, cultiva a devoção à Vishu ou Krishna, que é o tronco principal do complexo filosófico denominado Hare Krishna.

O movimento Hare Krishna, no Brasil, começou em 1973, com pouco mais de dez jovens que tiveram o primeiro contacto com devotos norte-americanos que passavam por São Paulo.

A celebração da ceia sagrada se faz num ritual no altar, privado aos sacerdotes. O altar fica na *Sala do Templo* isolado

por uma cortina, que separa o altar do espaço que é ocupado pelo povo. Os monges usam uma roupa chamada DHOTI e as mulheres — monjas — usam SARI.

A primeira oração é feita às 3 horas da manhã. Às 4,30 abrem-se as cortinas e oferecem-se os cinco elementos: incenso, fogo, abano, água e terra. Todos participam cantando o mantra e depois fecham-se as cortinas para preparar o altar para o próximo ritual. Para entrar no templo, tiram-se os sapatos porque o local é sagrado.

O ritual tem duas partes: oferta dos alimentos à divindade e depois a partilha dos alimentos. A cozinha é considerada um local sagrado. Na preparação dos alimentos deve-se estar asseado e usar roupas limpas. Não se pode provar a comida antes de oferecer a KRISHNA. Não se pode desejar a comida e nem comer nada durante o rito. Os alimentos só podem ser preparados pelos sacerdotes. Em todos os momentos oferta-se água. Pela manhã oferta-se leite ou suco. À tarde, doces e suco. À noite, salgados e, antes de dormir, leite condensado.

Estes alimentos são especiais, tidos como agradáveis a Krishna e devem ser instrumentos de unidade com Krishna, através dos sacerdotes, e depois, destes com os fiéis, com a partilha simbólica dos alimentos oferecidos. Trata-se de um ritual sagrado de comunhão misteriosa com a divindade.

6.4. Comer os frutos da terra no Candomblé Banto

O culto, denominado Candomblé, é uma homenagem às divindades dos orixás, oriunda dos países de Moçambique, Congo (antigo Zaire), Angola e Benin. Nesses países havia um tipo de candomblé específico, identificado na cultura africana ioruba como candomblé banto. Existe uma hierarquia dentro das práticas litúrgicas, que se identificam com as divindades, em termos de poder e serviços. Todos são chamados ao ministério, desde que exista uma vivência profunda do Candomblé.

Na ceia sagrada do Candomblé Banto, cada divindade recebe um tipo de alimento, oferecido pelos membros iniciados, pois a quem não é iniciado não é permitido participar do momento de oferta da refeição aos deuses.

A oferta de alimento é feita com o objetivo de agradar as divindades. Invocando estas e comendo os alimentos em comunhão com elas, os fiéis são acolhidos e protegidos pelas suas forças misteriosas. Após os deuses terem feito a refeição, todos os presentes no culto são chamados a participar da grande partilha oferecida às divindades invocadas no ritual.

O objetivo dessa partilha da ceia é que o alimento nunca falte, tanto nas mesas do Candomblé, quanto nas mesas das famílias.

As vestes na ceia são de acordo com cada entidade e os fiéis que as incorporam trajam suas roupas específicas. As mulheres, durante o culto, usam um torço na cabeça para proteger a entidade. Comendo os alimentos específicos de cada entidade religiosa, os fiéis entram em comunhão e vivem em unidade com entidades sagradas.

7. O MISTICISMO DAS CEIAS: ELEVAÇÃO E PARTILHA

Diante da abordagem de alguns elementos comuns nas ceias sagradas das religiões — budismo, candomblé, judaísmo e Hare Krishna — podemos constatar alguns valores e dimensões comuns que iluminam a compreensão das ceias sagradas, colocando-as como modelos para as práticas rituais que se dão servindo-se de alimentos. Vamos analisar estes pontos comuns, a partir de alguns itens que são freqüentes e básicos na celebração dos rituais das ceias sagradas.

7.1. Quanto à origem das ceias sagradas

Pode-se definir que as religiões possuem um personagem sagrado ou místico que as institucionalizou, assim como o budismo que foi fundado por Buda em 2600 a. C., o judaísmo tem Abraão como seu iniciador por volta do XIX século a. C. No entanto, a origem Hare Krishna se dilui na história e não tem origem determinada no tempo, não se sabe exatamente quando começou. A origem da ceia do candomblé remonta a tradições orais africanas milenares. Normalmente estas ceias foram introduzidas por seu *fundador*, que as celebrava como forma de ritual sagrado, em vistas de uma continuidade na sua ausência, após seu desaparecimento do meio de seus fiéis seguidores.

7.2. Ritos de iniciação e integração

Tratando-se dos ritos de iniciação para a integração nas ceias sagradas, estas religiões possuem tais ritos como condição para que os neófitos se tornem membros efetivos. No candomblé, exige-se que o iniciando permaneça dentro do terreiro por vinte e um dias e depois de sete em sete dias até completar um ano; para se tornar judeu é preciso ou nascer de uma família judia, ou converter-se decidindo seguir a fé judaica; no Hare Krishna é preciso cantar o mantra repetidamente

e incessantemente, e os budistas exigem dois anos de preparação para se consagrar como monge, e então, poder transmitir o dharma. Assim, existe um período de preparação, para que se efetive o conhecimento do conteúdo misterioso da ceia sagrada, bem como e especialmente, a penetração espiritual nas esferas do espaço divino a ser vivenciado na partilha sagrada dos alimentos.

7.3. Os ministros e o ritual

Nas quatro religiões são ministros qualificados a realizarem suas ceias sagradas. Necessitam de tempos pré estabelecidos de preparação, tempo estes que variam desde sete anos no Candomblé, até o tempo indeterminado de formação no Judaísmo e no Hare Krishna. Está presente nessas religiões também a funcionalidade hierárquica, onde no Candomblé os que presidem a ceia sagrada são o pai de santo — babalorixá — a ou a mãe de santo — yalorixá — e os iniciados de menores graus sendo auxiliares; no budismo, para presidir a ceia é preciso ser um monge ou monja de grau máximo que dentre os três graus de professores, esteja no grau denominado de *professor correto*. No judaísmo quem preside a celebração nas famílias é o pai, enquanto que a mãe participa acendendo o candelabro; no Hare Krishna o sacerdócio é instituído e constituído sacerdotes e sacerdotisas, preferencialmente celibatários.

7.4. As vestes sagradas

São importantes, e mesmo fundamentais, para presidir as ceias sagradas. Podem-se especificar: no Judaísmo, o *kippah* ou *solidéu* na cabeça; no Hare Krishna, os monges usam uma roupa chamada Dhoti e as mulheres ou monjas, usam a veste chamada Sari; no Candomblé Banto, o babalorixá e a yalorixá vestem roupas com cores específicas e os auxiliares usam cores que os distinguem conforme evocação das diferentes entidades espirituais; e no Budismo veste-se o *Kimono*.

7.5. A participação das ceias sagradas

Para a participação são previstas algumas condições, pois esta é livre. São necessários, porém, alguns requisitos de purificação, comunhão com a comunidade, definidos em forma de comportamento e tempos pré-estabelecidos. No Budismo, exige-se que o monge tenha feito retiro de oito dias para a comunhão com a *iluminação de Buda*; no Judaísmo a ceia acontece no âmbito da família, tornando-a uma celebração muito es-

pecial e por isso é restrita a seus membros ou convidados especiais; no Hare Krishna a exigência é menor, mas deve-se conhecer o significado do ritual através de uma catequese. De forma diversa, porém, no Candomblé Banto. Nele os alimentos são partilhados com todos os presentes e as sobras devem ser distribuídas aos vizinhos. Concluímos que em todas estas ceias sagradas os alimentos são sempre consumidos, tratados com solenidade e dignidade e, invariavelmente, tratados como *espécies místicas*, dotados de bênção e poder espiritual.

7.6. A sacralização dos alimentos

É muito evidente. Em todas estas ceias sagradas ocorre um momento de oferecimento dos alimentos às divindades para torná-los sagrados. O alimento ofertado às divindades assume caráter sacramental.

7.7. A freqüência ou periodicidade

Quanto a este aspecto, as ceias sagradas são bem diferenciadas. Umas são ceias anuais como no Judaísmo e no Budismo; outras mensais como no Candomblé. No Hari Krishna são diárias, sendo oferecidas quatro vezes ao dia.

Estes aspectos das ceias sagradas manifestam sua dimensão mística, por elas as religiões procuram uma verdadeira comunhão com a divindade. Assim, os rituais das ceias sagradas envolvem-nas de um certo misticismo, que as tornam mais espirituais, como elemento de comunhão entre os seres humanos e sua divindade.

8. DAS CEIAS SAGRADAS À CEIA CRISTÃ

O texto mais antigo que narra a ceia eucarística cristã está numa das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo:

Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim". Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: "Este cálice é a nova aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim". Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha (1 Cor 11,23-26).

Conforme este texto, Jesus é quem instituiu a ceia sagrada cristã, mais tarde chamada de Eucaristia. Ela possui elementos

em comum com as ceias de outras religiões. Há muitos elementos em comum com a ceia pascal judaica, tanto rituais como simbólicos: as espécies do pão e do vinho, as orações, a aproximação teológica com o cordeiro, o altar, o sacerdote e o caráter de aliança. Além do Judaísmo, a ceia cristã tem também elementos semelhantes com outras ceias sagradas, como procuraremos evidenciar²⁹.

Assim, na ceia cristã, como nas religiões analisadas, exige-se certa preparação para a participação no ritual. Semelhante ao retiro de oito dias no Budismo, à iniciação no Candomblé banto, o pacto da aliança no Judaísmo e a comunhão espiritual no Hare Krishna, é preciso um batismo para participar da ceia cristã. Para além da catequese de conhecimento doutrinal e ético,³⁰ para que uma pessoa possa participar da ceia eucarística deve ter antes se preparado espiritualmente, feito jejum de pelo menos uma hora³¹ e estar livre de pecados graves.³²

As ceias religiosas são presididas por alguém que conhece bem o ritual, que seja experiente. Como vimos, no budismo quem preside a ceia sagrada é um monge ou monja de grau máximo, denominado *professor correto*. No Candomblé, essa função é exercida pelo Pai-de-santo ou por uma Mãe-de-santo; no Judaísmo, o pai-de-família é quem preside a celebração, cabendo à mãe, acender o candelabro. No Hare Krishna essa função é exercida pelos sacerdotes ou sacerdotisas, casados ou celibatários. A Igreja, porém, não seguiu rigorosamente os ritos judaicos.³³ A ceia católica é presidida por um ministro ordenado, um sacerdote³⁴ que se preparou para exercer esse ministério.³⁵

Para demonstrar que se trata de uma ação agradável à divindade, as ceias religiosas exigem, ao menos de alguns dos seus membros, o uso de vestimentas especiais. Destacamos que, no Budismo, quem preside utiliza o *kimono*; no Candomblé, são várias vestes coloridas, onde a cor principal depende de cada santo *incorporado*; no Judaísmo, todos os homens devem usar o *kippah*, e no Hare Krishna, os monges vestem uma roupa chamada *dhoti* e as monjas usam uma veste chamada *sari*. De modo semelhante, em vista de uma ritualidade mais mística, na ceia cristã da eucaristia, o sacerdote traja vestes especiais, embora não fundamentais, basicamente uma túnica talar branca, chamada alva e, sobre esta, uma estola que varia suas cores conforme o ciclo do calendário litúrgico.

O alimento é o elemento central de uma ceia religiosa. No Candomblé, o alimento varia de acordo com o santo a quem será ofertado. No Judaísmo, pão, ervas amargas e uma mistura de maçã ralada, canela, castanhas e vinho, chamada *haroset*. No Hare Krishna, pode se ofertar qualquer tipo de alimento,

29 Cf. D. SARTORE — A. M. TRIACCA, *Dicionário de Liturgia: Eucaristia*, p. 397.

30 Catecismo da Igreja Católica (CIC), 913-914.

31 CIC 919, par. 1.

32 CIC 916.

33 Cf. D. SARTORE — A. M. TRIACCA, op. cit. p. 397.

34 CIC 900, par. 1.

35 CIC 1028.

desde que não sejam carnes ou alimento integral. Normalmente com preparação especial e com gêneros muito peculiares. Na ceia cristã, como alimento básico fundamental do povo da Palestina, são utilizados pão e vinho. O pão deve ser sem fermento e o vinho natural, do fruto da videira e não deteriorado³⁶.

36 CIC 924, par. 2.

O tempo é também espaço de sacralização para as religiões, por isso a realização da ceia obedece a certa periodicidade. No Budismo ocorre uma vez por ano, assim como no judaísmo. No Candomblé, a ceia é mensal e, no Hare Krishna, quatro vezes ao dia. A ceia cristã acontece, de modo especial, na época do chamado Ciclo Pascal, em que se lembra a paixão, a morte e ressurreição de Jesus. As outras celebrações durante o ano, são desdobramentos desta festa maior, como as celebrações dominicais e mesmo as cotidianas.

A ceia cristã pode ser compreendida através destes elementos genéricos das ceias sagradas, pois os ministros sagrados, como celebrantes peculiares, as vestes como forma ritual e simbólica, os rituais de iniciação, a especificidade e sacralidade das espécies dos alimentos, fazem-nos compreender que a ceia é um ato sacramental, pelo qual nos comunicamos com os seres divinos, penetramos suas esferas transcendentais e nos comprometemos com seu projeto dentro da história, como comunidade fiel.

9. FINALIZANDO O PERCURSO

Durante todo percurso da reflexão que fizemos a respeito da Ceia do Senhor, pudemos perceber a semelhança, em muitos pontos, de outras religiões com a nossa ceia cristã.

Nestas semelhanças, podemos destacar uma preparação antes de comer o alimento em comunidade e a preparação e o partilhar um alimento em comunidade visando sempre o encontro com o divino ou entidade mística.

Ficou claro que existe todo um cuidado ou zelo no ritual de preparação da oferenda ou alimento. Esse cuidado é exercido claramente pelo mediador, ou seja, pelo encarregado de levar a oferenda ou comida até a divindade, fazendo assim a ponte entre o humano e o sobrenatural.

A simbologia presente nos objetos como taças, velas, vestuário, ou nos animais como o cordeiro, galinha, demonstram toda uma história cujo significado extrapola o próprio ritual sagrado.

Toda ceia parte de um mestre principal que a institui, e encarrega alguém de manter a tradição do sagrado. Interessan-

te notar que o mestre ou pai que celebra a ceia, é chamado a ser continuador do mestre ou divindade que instituiu a ceia sagrada na origem da formação da comunidade de fé.

As religiões não-cristãs, por sua tradição milenar e por seus aspectos religiosos e antropológicos nos possibilitam uma maior compreensão dos nossos gestos, símbolos, espaços e ministérios ao celebrarmos a ceia cristã.

Além da aproximação a Deus pela oferenda, destaca-se a dimensão de fraternidade e solidariedade profundamente significativas na realização da ceia cristã. É imprescindível na ceia cristã seus fundamentos de memória, atualização e elevação do mistério pascal de Jesus Cristo na história, mas é preponderante a dimensão convival, para que o encontro com o sagrado, que se dá na celebração da eucaristia, se consolide e expresse sua concretude na comunhão comunitária, como força transformadora do mundo.

BIBLIOGRAFIA

Dicionários

- AS GRANDES RELIGIÕES. São Paulo, Abril Cultural, 1973. Vols. 3 e 4.
- ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DA BÍBLIA. São Paulo, Paulinas, 1987.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo, Nova Cultural.
- IDÍGORAS, J. L. *Dicionário Teológico para a América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- LATOURELLE, R. — R. FISICHELLA, *Dicionário de Teologia fundamental*. Petrópolis-Aparecida, Vozes-Santuário, 1994.
- ROSSANO, P. — G. RAVASI — A. GIRLANDA, *Nuovo dizionario di Teologia Biblica*. Roma, Paoline, 1988.
- SANTIDRIÁN, P. R., *Dicionário básico das religiões*. Aparecida, Santuário, 1998.
- SARTORE, D. — A. M. TRIACCA, *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulus, 1992.
- SCHADEN, E. (Org.) *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. Seleções da Revista de Antropologia. Petrópolis, Vozes, 1972.
- SCHLESINGER, H. — H. PORTO, *Dicionário Enciclopédico das religiões*. Petrópolis, Vozes, 1995. Vol. 1.
- SILVEIRA BUENO, F. da, *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 1963.
- VIDAL, C. *Enciclopedia de las religiones*. Planeta.

Documentos patrísticos

- SANTO AMBROSIO, *Sacramenti*. Torino, Torinese, 1980.
- CIRILO DE JERUSALÉM, *Le catechesi ai misteri*. Roma, Città Nuova, 1983.
- DIDAQUÊ: *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo, Paulus, 1989.
- HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FOLCH GOMES, C., *Antologia dos santos Padres*. São Paulo, Paulinas, 1979.
- JUSTINO DE ROMA, *Apologia I*. São Paulo, Paulus, 1995.
- IRINEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*. São Paulo, Paulus, 1995.

Bibliografia geral

- BÉKÉS, G., *Eucaristia e chiesa: ricerca dell'unità nel dialogo ecumenico*. Casale Monferrato, Piemme, 1985.
- BORÓBIO, D. (Org.), *A celebração na Igreja II: Sacramentos*. São Paulo, Loyola, 1993.
- DE JONG, J. P., *A eucaristia realidade simbólica*. São Paulo, Herder, 1969.
- DUCHESNEAU, C., *A celebração na vida cristã*. São Paulo, Paulinas, 1977.
- FORTE, B., *Introdução aos sacramentos*. São Paulo, Paulus, 1996.
- FOUREZ, G., *Os sacramentos celebram a vida*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- GERKEN, A., *Teologia dell'eucaristia*. Torino, Paoline, 1977.
- HADDAD, A., Partir o pão entre ritos e desafios. Em REVISTA DE LITURGIA, 84, (1987), 31-33.
- HAGGLUND, B., *História da Teologia*. Porto Alegre, Concórdia, 1995.
- LIMA JUNIOR, J., A Eucaristia hoje. Em REVISTA DE LITURGIA, 40, (1980), 22-24.
- LUTZ, G., A Eucaristia, memória do sacrifício de Jesus. Em REVISTA DE LITURGIA, 84 (1987), 2-8.
- MARSILI, S., *Eucaristia: teologia e história da celebração*. São Paulo, Paulinas, 1985. Vol. 3.
- NOCENT, A., *La messa prima e dopo San Pio V*. Casale Monferrato, Piemme, 1985.
- NOVAIS, F. A. — N. SEVCENKO (Eds.), *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998. Vol. 3.
- PAOLI, A., *Fraternidade no mundo*. São Paulo, Paulinas, 1980.
- PEREIRA, N. B., *A Ceia Pascal Cristã*. São Paulo, Paulus, São Paulo, 1997. 4ª ed.

- PIAZZA, W., *Religiões da humanidade*. São Paulo, Loyola, 1991.
- RYAN, V., *O Domingo: história, espiritualidade, celebração*. São Paulo, Paulus, 1997.
- TANIGUCHI, M., *Melhore seu destino cultuando os antepassados*. São Paulo, Seicho-no-ie do Brasil, 2000. 16ª ed.
- ULLMANN, R. A. A. *Antropologia: O homem e a cultura*. Petrópolis: Vozes. 1991.
- VERHEUL, A., *A estrutura fundamental da Eucaristia*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- VON ALLMEN, J. J., *Estudo sobre a ceia do Senhor*. São Paulo, Duas Cidades, 1968.